



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU MIRIM - CESITA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS HABILITAÇÃO LÍNGUA
PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

RAFAELA MONTEIRO DA SILVA

**ANÁLISE PSICOLÓGICA DO COMPORTAMENTO DA PERSONAGEM ROSALINA
NA OBRA: uma lágrima de mulher de Aluísio Azevedo**

Itapecuru-Mirim
2020

RAFAELA MONTEIRO DA SILVA

**ANÁLISE PSICOLÓGICA DO COMPORTAMENTO DA PERSONAGEM ROSALINA
NA OBRA: uma lágrima de mulher de Aluísio Azevedo**

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua portuguesa e respectivas literaturas da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim, como pré-requisito para a elaboração do trabalho de conclusão de curso.

Orientadora: Profa. Esp. Cinthia Andréa T. dos Santos

Itapecuru-Mirim
2020

Silva, Rafaela Monteiro da.

Análise psicológica do comportamento da personagem Rosália na obra Uma lágrima de mulher de Aluísio Azevedo / Rafaela Monteiro da Silva. – Itapecuru-Mirim, MA, 2020.

... f

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Profa. Ma. Cíntia Andréa T. dos Santos.

RAFAELA MONTEIRO DA SILVA

**ANÁLISE PSICOLÓGICA DO COMPORTAMENTO DA PERSONAGEM ROSALII
NA OBRA: uma lágrima de mulher de Aluísio Azevedo**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como parte do requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Data: ____/____/____

Nota: _____

Cinthia Andréa T. dos Santos
Espec. Ensino de línguas portuguesa, inglesa e espanhola
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Daulinda Santos Muniz
2º EXAMINADOR (A)

Werbeth dos Santos Pereira
3º EXAMINADOR (A)

Dedico este trabalho, *In Memoriam* ao meu pai Milton Coqueiro da Silva, que onde estiver sei que está torcendo por mim. Obrigada pai!!! Te amo.

AGRADECIMENTOS

Todo o trabalho aqui desenvolvido, não teria sido possível sem o apoio e o interesse demonstrado por tantas pessoas a quem agradeço amavelmente e respeito. Cada uma ao seu modo me trouxe a certeza que tudo aquilo que é compartilhado traz felicidade e proporciona a segurança que tudo dará certo no final. E como forma de reverência, quero citar e agradecer cada pessoa que me ajudou até aqui.

Agradeço primeiramente, a Deus pela grande oportunidade e por nunca me deixar desanimar nas horas difíceis.

Agradeço a minha mãe pelo amor incondicional e por sempre estar ao meu lado me apoiando e me dando forças (Gratidão mãe).

Agradeço ao meu pai que infelizmente não está mais aqui conosco, mas sempre me deu forças e sempre será um exemplo para me tornar uma pessoa melhor (saudades pai).

Agradeço aos meus irmãos Daniella Monteiro e Nilton Monteiro, vocês são muito especiais e muito obrigada pelo apoio importantíssimo.

A minha Professora e Orientadora Cinthia Andréa T. dos Santos, que me orientou muito obrigado, à sua infinita paciência, ao seu carisma, à sua sabedoria.

Aos meus sobrinhos Isaac e Maysa, vocês são os motivos que tenho para me tornar uma pessoa melhor.

A minha afilhada linda, Maria Luísa que amo muito.

As minhas queridas amigas, que amo incondicionalmente, Charlee Diniz e Leila Alcântara.

As minhas amigas da faculdade, Waldelice, Alice, Mariana e Jessiane amo vocês, obrigada pelo companheirismo.

Aos meus amigos de trabalho Klebert Lago e Telma Alves amo vocês e muito obrigada pela paciência.

Enfim, agradeço a todas as pessoas por enviarem incessantemente seus melhores sentimentos e cuidados, que foram energizados diretamente rumo ao meu coração, reavivando constantemente a minha existência. Muito obrigada!!!!

“O segredo da existência humana reside não só em viver, mas também em saber viver”.

Fiódor Dostoiévski

RESUMO

É notável a idealização da mulher no período do romantismo, a mulher que tudo faz por seu amado, assim como a imagem de uma mulher submissa que aceita tudo que a sociedade a impõe. Porém no Romance de Aluísio Azevedo apesar de ter sido escrito para folhetim o que o faz seguir a linha do romantismo, vemos uma mudança drástica na personalidade de Rosalina que de camponesa a mulher urbana de boa classe, tenta livrar-se do seu grande amor. Rosalina a personagem principal, além de romântica e sonhadora como eram representadas as mulheres da época, apresenta uma mudança em sua personalidade influenciada por seu pai, será essa mudança apenas para deixar a obra mais trágica ou de certa forma demonstra o quão fácil as pessoas perdem a inocência e os sentimento quando se está em jogo os interesses econômicos? Com base nas informações apresentadas, chega-se às seguintes hipóteses: Rosalina ao desistir do romance puro de Miguel carrega em si o início de uma nova percepção mais racional e materialista, apesar de ser personagem de romance de folhetim. A personagem sentia-se pressionada a conviver com alguém de sua nova classe e por isso tentou de todas as formas por fim às esperanças de Miguel, sua personalidade deixa de ser a mulher romântica e passa a ser mais racional, porém ainda ingênua quando age por interesses econômicos. O Maranhão teve seu apogeu artístico literário nos anos na segunda metade do século XIX, período no qual se teve nomes de destaque nacional, seja na dramaturgia, literatura, poesia e prosa. Sabe-se que muitos desses escritores foram beber na fonte portuguesa os estilos literários de época. Sem embargo os estilos de grande destaque como naturalismo e realismo no Brasil tiveram algumas características próprias a começar como temas pitorescos, denúncias das mazelas da nossa própria sociedade. Neste trabalho a metodologia utilizada consiste no método dedutivo, sendo qualitativa quanto a abordagem e a pesquisa bibliográfica baseada nos pressupostos teóricos. O seguinte trabalho tem como objetivo principal e secundário consecutivamente, Investigar os aspectos psicológicos do comportamento da personagem Rosalina no Romance Uma lágrima de mulher de Aluísio Azevedo. Discutir a construção da figura da mulher no final do período romântico no Brasil. Analisar a mudança de comportamento em Rosalina ao sair do campo e passar a morar em um centro urbano participando da alta sociedade. Refletir sobre a contribuição de Aluísio Azevedo na Literatura brasileira ainda na fase do romantismo.

Palavras-chave: Aluísio de Azevedo. Literatura maranhense. Uma lágrima de mulher. Romance.

ABSTRACT

It is remarkable the idealization of the woman in the period of romanticism, the woman who does everything for her beloved, as well as the image of a submissive woman who accepts everything that society imposes on her. However, in Aluísio Azevedo's *Romance*, despite having been written for a serial, which makes him follow the line of romanticism, we see a drastic change in the personality of Rosalina who, from a peasant to a good-class urban woman, tries to get rid of her great love. Rosalina the main character, in addition to being romantic and dreamy as the women of the time were represented, presents a change in her personality influenced by her father, it will be this change only to make the work more tragic or in a way demonstrate how easy people are do they lose their innocence and feelings when economic interests are at stake? Based on the information presented, the following hypotheses are reached: Rosalina, when giving up Miguel's pure novel, carries with it the beginning of a new, more rational and materialistic perception, despite being a character in a serial novel. The character felt pressured to live with someone of her new class and so she tried in every way to end Miguel's hopes, her personality is no longer the romantic woman and becomes more rational, but still naive when acting for economic interests. Maranhão had its literary artistic heyday in the years in the second half of the 19th century, a period in which there were names of national prominence, whether in dramaturgy, literature, poetry and prose. It is known that many of these writers drank the literary styles of the time from the Portuguese source. However, the styles of great prominence such as naturalism and realism in Brazil had their own characteristics, starting with picturesque themes, denunciations of the ills of our own society. The following work has as main and secondary objective consecutively, Investigate the psychological aspects of the behavior of the character Rosalina in the novel *Uma tear of a woman* by Aluísio Azevedo. Discuss the construction of the woman figure at the end of the romantic period in Brazil. Analyze the change in behavior in Rosalina when leaving the countryside and living in an urban center participating in high society. Reflect on the contribution of Aluísio Azevedo in Brazilian Literature still in the phase of romanticism.

Keywords: Aluísio de Azevedo. *Romance*. *A woman's tear*. Maranhão literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	LITERATURA MARANHENSE E SEUS GRANDES ESCRITORES.....	14
3	ALUÍSIO DE AZEVEDO E SUAS DIVERSAS FACETAS LITERÁRIAS.....	19
3.1	Fase romântica de Aluísio	32
3.2	Fase de transição naturalismo realismo	32
4	ROSALINA COMO VERSÃO FEMININA NA LITERATURA DE AZEVEDO.....	37
4.1	Breve sinopse sobre o romance	41
4.2	Análise psicológica do comportamento da personagem Rosalina.....	44
4.3	Rosalina: da meiguice na infância à frieza na vida adulta.....	46
4.4	Condição social das mulheres	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
6	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

O livro *Uma lágrima de mulher* marca o final da fase romântica de Aluísio Azevedo e demonstra alguns traços do Naturalismo, além de ter o mérito de iniciar o autor na Literatura. A figura emblemática da mulher que faz tudo pelo seu amado é aos poucos desconstruída na personalidade de Rosalina, embora o seu amado seja a figura típica do par romântico que faz tudo pelo seu amor. Rosalina carrega então traços distintos das outras mocinhas do romantismo, será ela uma mulher puramente romântica que tenta esquecer um amor proibido, porém submissa ao pai e às necessidades financeiras que a acompanham.

Alguns escritores para entrar de fato na carreira literária precisariam de reconhecimento, é o caso de Aluísio de Azevedo que inicia sua carreira com romances de folhetins. Em tais romances já se percebe traços diferenciados do autor. A imagem da mulher por exemplo é diferente dos comanches convencionais, há uma leve mudança no comportamento das protagonistas nos romances de Azevedo.

Uma lágrima de mulher, embora escrito para um público de folhetim, conservador e elitista, na obra percebe-se uma crítica aos costumes da sociedade aristocrata que tudo negociava e ao jogo de interesses independente da classe social. Porém a história se passa na Europa, assim, ninguém poderia se escandalizar com os costumes da época sendo comparados aos costumes ludovicenses.

Percebe-se que pela boa receptividade entre a classe leitora romanesca em São Luís do Maranhão, assim como o sucesso futuro de Aluísio de Azevedo no naturalismo e no realismo, a versatilidade do autor em trilhar mais de um estilo e conseguir se sobressair com várias obras a nível nacional.

A personagem a ser analisada nesta obra, Rosalina, carrega em si uma mudança de comportamento pouco relatada no período do romantismo propriamente dito. Uma jovem apaixonada que precisa partir e esquecer seu amado, quando o reencontra já não demonstra mais o mesmo interesse por ele, menos ainda pela vida a dois que tanto sonharam, pois já tem interesse por pessoas da sua nova classe, mais distinta e mais rica. Com base nas hipóteses levamos em sideração dentro da pesquisa os seguintes objetivos: Discutir a construção da figura da mulher no final do período romântico no

Brasil; Analisar a mudança de comportamento em Rosalina a sair do campo e passar a morar em um centro urbano participando da alta sociedade, e Refletir sobre a contribuição de Aluísio Azevedo na Literatura brasileira ainda na fase do romantismo.

A preocupação do autor em relatar o romance em outro continente e não em sua terra natal ou outro lugar que tenha morado, demonstra que em momento algum o autor quer que seu público leitor ou qualquer outro público seja criticado de forma direta. Por outro lado, ao observarmos a forma como Aluísio descreve a sociedade ludovicense em *O mulato*, demonstra como o autor era realista ao descrever a sociedade local.

Ao analisar-se o principal fato que faz com que Rosalina tenha uma ruptura com a visão romântica de antes, percebe-se o contato com uma sociedade mais urbana, movimentada e elitista. Além do jogo de interesses no qual ela se envolve, há de certa forma uma cobrança pessoal em mudar, agir com seus próprios interesses embora pareçam os do pai.

Neste trabalho a metodologia utilizada consiste no método dedutivo, sendo qualitativa quanto a abordagem e a pesquisa bibliográfica baseada nos pressupostos teóricos principalmente da obra “Uma lágrima de mulher” de Aluísio de Azevedo, dessa maneira, em suma, serão separados trechos para serem analisados com maior ênfase, sendo utilizado esse procedimento para depois relacionar os aspectos psicológicos da personagem principal e a visão geral do feminino posta pelo autor, sintetizando a discussão com a pesquisa bibliográfica durante todo o projeto.

Com relação a este aspecto, será essencial realizar uma pesquisa e revisão sobre os apontamentos, críticas e análises referentes à bibliografia que aborda a vida e obra de Aluísio de Azevedo, assim como as condições sociais das mulheres no final do século XIX.

Tem-se em vista que uma pesquisa dessa natureza possibilita um deslocamento da obra literária para uma pesquisa em psicologia, mais especificadamente em uma perspectiva que associe estudos de pensamento social e psicológico. Logo após os estudos sobre as principais características da composição literária de Aluísio Azevedo, assim como o seu vasto legado para a literatura maranhense, far-se-á um estudo mais detalhado sobre a obra em análise, assim como as principais características da personagem Rosalina em sua composição psicológica.

2 LITERATURA MARANHENSE E SEUS GRANDES ESCRITORES

O uso da literatura como ferramenta para a formação da pessoa, sempre foi uma prática constante nas instituições educacionais. E apesar das muitas diferentes formas de gêneros literários, o tipo de literatura aqui relatada, ainda se faz presente nos hábitos das pessoas, pois pode-se fortalecer parte da base cultural que um indivíduo necessita.

Portanto, analisando assim, a literatura exerce uma função social importante. Nessa perspectiva, Zilberman afirma que; “o indivíduo abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que a vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo” (ZILBERMAN, 1999, p.84).

Fazer uso do hábito de vivenciar experiências literárias faz ligação do leitor com suas próprias expectativas, com a sua visão de mundo, e até mesmo com seu olhar sobre o seu comportamento social e posteriormente com o da sociedade. A literatura leva o indivíduo a analisar o mundo de certa forma, paralelo ao seu.

Ainda analisando ZILBERMAN, 1999, o texto literário, romântico ou não, não constitui, exatamente um texto utilitário, em sua aplicabilidade epistemológica. Na verdade, são os leitores que, no diálogo com o texto, lhe atribuem diferentes funções ou finalidades, na maioria das vezes de acordo com suas próprias interpretações ou as de algum instrutor de sua leitura, geralmente este, na figura de um professor.

Por sua vez, a escola direciona a este gênero textual um papel de ser um instrumento de aperfeiçoamento linguístico, seja gramatical ou da própria literatura. No entanto, ao inverso função, o texto literário oferece muitas outras funções, como as de aprender a comparar, questionar, entreter e desenvolver a percepção estética entre outras.

A literatura maranhense teve grandes representantes em diversas fases da literatura nacional, trazendo consigo um legado tanto para o Estado do Maranhão como para o restante do país. São nomes e temas que brilham e, em sua particularidade retrata com solidez a essência de cada fase histórico-literário de do cenário nacional.

Os aspectos identitários e culturais também podem e devem ser reafirmados a partir da rica experiência oportunizada através da produção. A esse respeito, Zinani e Santos (2002) afirmam que de acordo com a importância da literatura para a compreensão da realidade e o desenvolvimento do espírito crítico, acreditamos que o aluno, depois de ter realizado um efetivo estudo de obras literárias, provavelmente sairá dessa experiência com uma apreensão mais ampla do mundo circundante, mais preparado para situações que o envolvem e mais preparado para atuar como elemento modificador de sua realidade. Ademais, segundo Corrêa:

De Graça Aranha decorreu o caudal da moderna contribuição maranhense à reflexão estética brasileira, que é definida por refinadas proposições em nível da influência crítica e da percuciência analítica, de que são exemplos de alto relevo Josué Montello, Oswaldino Marques, Ferreira Gullar e Luis Costa Lima, sem o esquecimento do saudoso mestre da erudição e do pensamento. (OLIVEIRA, 2001, p.181-182).

Assim, escritores maranhenses como Aluísio Azevedo e Josué Montello despontam em sua Literatura “a questão racial”. O Mulato e Tambores de São Luis, suas obras respectivas, foram inspiradas na vida maranhense de época. Além desses, João do Vale, Bandeira Tribuzi, José Chagas, Arthur Azevedo, Gonçalves Dias, Graça Aranha, Ferreira Gullar, Odylo Costa Filho, João Mohana, Maranhão Sobrinho, João Lisboa, Gentil Braga, Maria Firmina dos Reis, Raimundo Correia, Humberto de Campos e tantos outros deixaram para o acervo maranhense obras que acabam por relatar tanto o passado quanto o presente do território brasileiro e, principalmente, do Maranhão.

Conforme afirmado por especialistas a Literatura Maranhense é magnífica, cheia de encantos em suas histórias, poesias, cordéis, expressando musicalidade única por dar vida em seus enredos à sociedade e descrever as belezas da terra. Desenvolvê-la em sala de aula propicia ao educando um contato direto não apenas com o autor da obra e seus personagens, mas com a sociedade em que eles vivem. Com isso, ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno (BRASIL, 1998).

Pode-se destacar que Aluísio de Azevedo nos traz a versatilidade de passar pelo romantismo, naturalismo, como principal representante, e realismo que para alguns autores não é algo totalmente dissociado do realismo. A obra em análise como já

destacado, foi um caso à parte na vida do escritor, por si tratar de romance de folhetim. Conforme Coutinho a respeito da obra tem-se:

Não seria, porém, justo contestar-lhe o bom serviço prestado, tanto aqui como lá, às letras. Ele trouxe à nossa ficção mais justa sentimento da realidade, arte mais perfeita da sua figuração, maior interesse humano, inteligência mais clara dos fenômenos sociais e da alma individual, expressão mais apurada, em suma uma representação menos defeituosa da nossa vida, que pretendia definir... qual a daqueles seus quatro romances, aos quais podemos juntar o último que escreveu, o livro de uma sogra. Este aliás não é mais plenamente naturalista, e a sua execução lhe saiu inferior à dos primeiros. O resto de sua obra, de pura inspiração industrial, é de valor somenos. (COUTINHO, 1972, p.82)

Adentrando no naturalismo os romances de autor em análise, conforme Pietrobon (2012) refletem o cientificismo dominante na época, como o meio e a hereditariedade como fatores determinantes para as ações e comportamento humano, que segundo a visão naturalista é guiado pelo instinto.

Mesmo antes de se destacar como autor naturalista, seja como pintor ou como romancista, percebe-se traços característicos do autor que futuramente irão destacar em sua visão cientificista dos acontecimentos. A este respeito Pietrobon (2012, p. 20) destaca que por necessidade o autor dedicou-se a pintar telas por encomenda, porém algumas telas saem à burguesia provinciana como grotesca. O então pintor passa até a se dedicar a pintar gente morta, “a morte aparece sem nenhum disfarce: um olho mal fechado ou então a cor tenebrosa de um corpo sem vida. Estas obras também causaram grande escândalo em sua província”

Sena (2014) ressalta que os estudos literários no Brasil tendem a ‘encaixar’ cada autor em um estilo. É ela uma das poucas críticas a enxergar as várias facetas em Aluísio. Ela defende que algumas características são tão marcantes em determinados autores, que perpassam nas várias fases do autor de forma diferente.

Contrário de muitos autores que defendem que os primeiros romances de Aluísio eram apenas obras de folhetim, e não merecem destaque, Sena (2014, p. 20) rebate, pois uma característica como o gótico presente no naturalismo é também perceptível no naturalismo de Aluísio. Nas palavras da autora percebe-se, “o efeito desta postura crítica, no caso Aluísio Azevedo, é a marginalização de algumas obras, entendidas como

‘literatura de má qualidade’ e a incapacidade de perceber que o desencadeado Naturalismo azevediano dialogou com outras convenções para além da escola de Zola”

Pereira (*Apud* Sena 2014, p. 21) analisa o romantismo de Aluísio de uma forma psicológica, observando os protagonistas, que geralmente são personagens femininas de forma inconsciente no destino destas personagens Aluísio parece se vingar da realidade, pois:

Os “lances sentimentais” não são entendidos como recursos expressivos escolhidos por Aluísio para atingir determinados efeitos estéticos, e sim como falhas de composição que atrapalham a composição do seu naturalismo. Eles ficam evidentes, principalmente, no destaque que o autor dá aos conflitos emocionais de suas heroínas e heróis, como em *O homem*, em que Magda, a protagonista vive um amor obsessivo que à leva à loucura e à histeria (*sic*). (SENA, 2014, p. 21)

Ainda em Sena (2014) pode-se afirmar que os romances de Aluísio, considerados como romances de folhetim, na verdade foram pouco ou quase nada estudados, quando muitos detalhes em suas personagens principais, demonstram muito da visão de mundo de Aluísio, ou quem sabe seu olhar mais aguçado sobre a realidade da mulher. Muito embora nos romances do naturalismo tem-se uma visão cientificista e determinista a cerca das mulheres. Um retrato da realidade talvez, mas um retrato pela ótica científica, que não deixa de reduzir as possibilidades da mulher em uma sociedade sexista e machista.

A personagem em análise Rosalina, carrega em si momentos de ruptura que mudam totalmente seu modo de vida, seu modo de pensar e agir.

As principais mudanças encadeadas na personalidade de Rosalina são perceptíveis no desenrolar da narrativa, sempre que a jovem passa por alguma mudança drástica, seja de cidade, classe social ou ruptura com namorado.

Pietrobon (2012, p. 23) destaca que após a partida de Rosalina, seu pai e sua ama para Nápoles, a personagem apresenta traços totalmente diferente em sua personalidade da jovem campestre que vivia nas ilhas de Lipari na Grécia, conforme a autora após a influência desse meio social interesseiro, deixa para trás a sua ingenuidade e pureza. “Maffei: Poderoso e fútil. Rosalina, que antes era possuidora de uma beleza inocente, se faz senhora de elegância de aspectos falsos.”

O próprio autor, Aluísio Azevedo, deixa revelar ainda no início da obra o que Rosalina antes mesmo de mudar-se para a cidade, já não tem a mesma inocência das outras meninas da sua idade. Ao detalhar o amor de Miguel por Rosalina, Aluísio (1879, p. 15) ressalta que, “no entanto, Rosalina estava longe de alcançar a grandiosidade desse sentimento, suponha-o vulgar e reles, como se é acontecer com as raparigas, que não conhecem o coração do homem”.

Sena (2014) revela que as personagens femininas de Aluísio de Azevedo embora em sua fase romântica, têm suas personalidades carregadas de surpresas, algumas históricas, outras fantasiosas, e até mesmo interesseiras, não há um consenso sobre uma visão única a respeito da mulher. Portanto farse-á uma observação mais apurada dos aspectos psicológicos em Rosalina.

Na sua obra “o Cortiço”, em vários trechos do autor é um notório o cuidado que teve em mostrar o cortiço não somente como um espaço qualquer onde histórias acontecem mas ele o evidencia como um organismo vivo, que se apropria das características e ações daqueles em que vivem em seu meio e as denota como sendo ações suas.

“Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas”....os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão... Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas. (AZEVEDO, 1977, p. 69)

O texto desta e de outras de suas obras apontam de forma muito expressiva as mazelas sociais, como a pobreza, e desagregação, a promiscuidade, a perversão sexual e outros fatos desse meio. Tal apropriação de atitudes e ações, somente foi possível através de recursos feitos pelo autor, como por exemplo, a utilização de uma linguagem dinâmica, que revela a vivacidade do espaço, além da utilização de verbos referentes a animais (zoomorfização) para caracterizar homens e mulheres.

3 ALUÍSIO DE AZEVEDO E SUAS DIVERSAS FACETAS LITERÁRIAS

Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão em 1857 e morreu em Buenos Aires, Argentina, em 1913. Foi escritor, jornalista, crítico, dramaturgo, diplomata e membro-fundador da Academia Brasileira de Letras. Entre suas obras, os principais romances são; O Mulato (1881), Casa de Pensão (1884) e O Cortiço (1890).

Conforme Carvalho (2015) Aluísio muitas vezes retrata aspectos que envolvem a realidade vivenciada pela sociedade da época:

Assim, percebe-se que o movimento Realista-naturalista tinha um posicionamento bem diferente na retratação da realidade em relação aos movimentos anteriores. Levando em consideração características do movimento mostrando por meio dos personagens, que apresentavam aspectos relacionados ao Determinismo... Dessa forma, as modificações sociais surgem para mostrar as verdadeiras mazelas da sociedade juntamente as suas necessidades do período, em que não hesitavam em apresentar o que há de verossímil na vida de pessoas indignadas com a situação em que viviam e por problemas patológicos que existiam naquele período. (CARVALHO, 2015, p. 01)

Como relatado anteriormente o autor é melhor lembrando por sua fase e obras realistas-naturalistas do que pelo romantismo. Mas de qualquer forma pode-se perceber claramente uma nuance realista ainda nos seus romances de folhetim.

Assim como no naturalismo seus personagens estavam obstinados a seguir uma determinada saga traçada pelo destino, em seus romances diversos personagens também seguiam esta mesma sina a de ter um destino traçado, e muitas vezes tratado pelo seu caráter, seu comportamento. Seja ele trágico e ingênuo como de Romão ou ambicioso e perspicaz como o do pai de Rosalina.

Nas últimas décadas do século XIX, como consequência do espírito racionalista que se disseminava pelo mundo ocidental e dos investimentos da burguesia no campo da ciência e da tecnologia, surgiam novas concepções a respeito do homem, da vida em sociedade, das relações de trabalho, da psicologia, etc. Sistematizavam-se estudos da biologia, da psicologia e da sociologia que punham em cheque a cultura impregnada de idealismo e religiosidade cristã, até então dominante.

É no cerne desta gama de acontecimentos, que se insere o movimento literário do Naturalismo, observando, documentando; enfim, dissecando a realidade sob uma ótica rigorosamente científica, fazendo-a emergir em retratos de uma crueza inaudita, nos romances de Aluísio de Azevedo, de Adolfo Caminha, de Júlio Ribeiro entre outros.

Movidos por uma “sede de objetividade”, por um interesse em descrever a sociedade brasileira sem idealizações românticas, como teriam feito Flaubert e Zola (e, antes deles, Balzac) com a sociedade francesa e Eça de Queirós com a portuguesa. O escritor como testemunha de seu tempo, disposto a agredir o status quo, se preciso, para levar ao leitor “a verdade nua e crua”, proporcionando-lhe, assim, um mergulho na realidade; como afirmou Zola em prefácio ao seu *Thérese Raquin*: “O meu objetivo foi antes de tudo um objetivo científico”.

A sexualidade, também é um tema constante nos romances naturalistas. No cortiço de Azevedo, na corveta de Caminha, na fazenda de Ribeiro, veremos personagens guiados pelas “pressões do meio”; mas, sobretudo pelos instintos, pela fisiologia, “arrastadas a cada ato pela fatalidade da própria carne”, diria Zola, mestre de todos estes autores.

Com Emile Zola pode ser considerado o maior nome do naturalismo, não por ser o primeiro, já que, de início, autores como Flaubert, e os irmãos Goncourt, tiveram atuação significativa dentro da escola naturalista. O que distingue o autor neste conjunto é o planejamento de uma obra extensa, o desejo de apresentar ao público, já cansado do alibi do interesse científico surpreenderemos sinhás sedentas de sexo, escravos que copulam como bestas, marinheiros entregues à pederastia.

Publicado em 1890, *O Cortiço*, uma das mais famosas obras de Aluísio de Azevedo, do Naturalismo brasileiro, considerada por muitos críticos como a sua melhor e mais bem acabada expressão. Denominando-se uma das melhores imagens do Brasil do fim do Segundo Império. *O Cortiço*, reproduz a realidade dos sujeitos sob a influência da raça, do meio e do momento histórico.

Nessa obra as evidências dos mais variados instintos no comportamento humano, à pertinência da sensualidade feminina e o meio como fator determinante do comportamento são algumas das teses naturalistas defendidas pelo autor, paralelo à presença de sérias denúncias da sociedade. O protagonista do romance é o próprio

cortiço, onde convivem e se esbarram, lavadeiras, trabalhadores de pedreira, malandros e viúvas

Deste modo, nunca terá a literatura se interessado, amado, reverenciado tanto as ciências naturais como no período naturalista, onde as teorias de Darwin ganhavam de forma significativa o espaço do misticismo religioso, aproximando assuntos da fauna e da flora.

Assim os romances do período naturalista, ainda que passem a inspirar com o tempo, desprezo ou escárnio em vista de um determinismo um tanto exagerado⁵ fornecerá, tanto por meio de suas virtudes ou defeitos, a busca por retratos fidedignos dos costumes e das idéias vigentes no Brasil, de fins do século XIX. Nesta direção, os romances aqui enfocados construíram representações sobre o universo feminino da segunda metade do século XIX, pois sistematizaram o cotidiano e o (s) lugar (es) ocupado (os) pela mulher na sociedade brasileira. Num primeiro momento, trataremos de *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo.

Assim, a sua narrativa realiza um recorte nas classes populares do Rio de Janeiro, em que aparecem diversos tipos sociais. E a mulher comum é um deles. No romance, o escritor configura um cortiço em sua estrutura e dinâmica internas, colocando em cena a realidade das classes populares que vivem “a margem” da sociedade da cidade do Rio de Janeiro - a massa popular residente dos cortiços: operários, cavouqueiros (trabalhadores em pedreiras), malandros, soldados, comerciantes, lavadeiras, prostitutas, pessoas de vida ordinária e de atividade incerta. E que procedem de todas as raças: brancos, negros, mulatos, cafuzos, numa multiplicidade étnica e social até então como salienta Souza, pouco retratada na literatura brasileira; [...] os homens de letras atentaram para este universo urbano na tentativa de espreita-lo, conhecê-lo, compreendê-lo e ordená-lo.

Essa recuperação e esse procedimento ocorriam em vários autores, indo desde a escrita realista de Aluísio de Azevedo, repetição da fórmula romântica, uma construção literária monumental, chocante e sólida nos seus alicerces científicos, que correspondesse aos avanços da ciência na segunda metade do século XIX.

Através de sua obra, Zola buscou transformar literatura em ciência, e dizia; “Necessito de um sistema que seja totalmente novo, tirado do movimento de ideias do

meu tempo... creio na ciência... é nela que está o futuro e o ponto de vista que desejo". (Apud Sodré, op. cit. p.21. 4BOSI, op.cit., p.168).

Passando pela fina ironia de Lima Barreto até o cronista João do Rio, que declarava explicitamente o seu encantamento e aprendizado com as ruas, até porque nelas observava e convivia com essa população. Estas histórias anônimas narradas por Aluísio de Azevedo (1857-1913) permitem um olhar atento sobre as potencialidades dos sujeitos que circulavam pela cidade do Rio de Janeiro em busca de sua sobrevivência cotidiana.

Apresentar essa multiplicidade de experiências é um ponto significativo de sua obra, que por sua vez apresenta dois aspectos bem distintos. De um lado, os romances escritos por ele com o propósito da realização artística, como *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884), *O coruja* (1885), o próprio *Cortiço* que data de 1890. De outro, temos os romances que decorrem de sua obrigação como folhetinista.

No qual o autor muitas vezes teve de sujeitar-se as exigências de um público heterogêneo, à pressa e a improvisação, onde figuram, por exemplo: *Memórias de um condenado* (mais tarde publicado com o título definitivo de *Condessa Vésper*, em 1882), *Filomena Borges* (1884), e tantos outros. Tendo ainda escrito contos e peças de teatro, Azevedo é costumeiramente apreciado como romancista.

Percebe-se que segundo a crítica, é no romance, que ele verdadeiramente assegura sua presença na história da literatura brasileira, seguindo de perto a técnica e o processo do Naturalismo. Não podemos deixar de notar que dois aspectos incidem e especificam a obra do autor maranhense; o primeiro é a grande capacidade "visual" do autor, certamente relacionado com sua habilidade para o desenho (Azevedo exerceu em certa época de sua vida a atividade de caricaturista), o segundo é a sua formidável capacidade para dar vida à multidão, aglutinando os indivíduos, sem que estes percam seus traços mais peculiares, permitindo que cada um seja percebido em sua dimensão própria, e conseguindo com isso, chocar e encantar o leitor.

Dentro desta Aglutinação de "tipos" que compõem o romance *O Cortiço*, nossa atenção se voltam para duas personagens específicas do romance: a mulata Rita Baiana e a negra Bertoleza. A primeira de farto cabelo crespo reluzente [...] Toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta

saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo a mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador” (p.59).

A segunda, escrava e amante de João Romão; “representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante”. A mulata e a negra; mulheres pobres, que permeiam o mesmo espaço e condição social (a do cortiço). É nos meandros da sensualidade de Rita Baiana e na luta diária de Bertoleza, “desenhadas” pelas mãos hábeis de Azevedo, que tentaremos visualizar as condições de vida, e as práticas cotidianas das mulheres das classes menos abastadas na cidade do Rio de Janeiro, em fins do século XIX.

Assim, o autor apesar de legar a personagem, um perfil feminino que não encontraria oponentes tanto no bojo de outras páginas literárias quanto nas ruas da São Paulo de então, já que a educação feminina estava muito longe de desfrutar de tantos e tão variados estudos ligados ao corpo e ao espírito⁹, lança mão do “arsenal” de ingredientes da escola naturalista e leva sua personagem “a manifestar, como toda fêmea sua natureza animal, inevitavelmente condicionada pelas leis da vida”.

Júlio Ribeiro (1845-1890), filólogo, jornalista e gramático de valor, publicou seus dois romances, Padre Belchior de Pontes (1876-1877) e A Carne (1888), inicialmente nos jornais em que trabalhava como folhetinista. Por conta destas Publicações, recebeu críticas pelas ideias contidas no desenrolar das tramas, por abordar assuntos como: preconceito racial e social, casamento, divórcio, o amor livre.

Todavia é com a personagem Lenita de A Carne, que Ribeiro causa incômodo na sociedade paulista do século XIX. Por conta do erotismo da trama e das cenas lúbricas, o fato de que uma personagem ímpar, diferente de todas as outras, havia surgido na literatura brasileira passou despercebido. A independência de Lenita, e sua destacada inteligência, não foram capazes de minimizar os efeitos “eróticos e exóticos” de A Carne.

Ao contrário do muito que já se escreveu sobre o romance de Júlio Ribeiro, lançado em 1888, sua obra pode ser considerada sim, uma representação digna, dos pareceres da sociedade de classe na São Paulo do século XIX no que tange a mulher, seus preceitos e a forma como dialoga com o mundo a sua volta. A personagem Lenita,

apesar das qualidades raras que o autor lhe atribui, é acima de tudo, uma mulher da sociedade, e é nos pareceres da educação que recebe, nas leituras que realiza no correr da trama, nos pormenores do comportamento da personagem de Ribeiro, que direcionaremos nossa análise.

Assim, Rita Baiana, Bertoleza e Lenita serão analisadas em acordo com as perspectivas da história cultural, mais precisamente, através das ideias fomentadas por Roger Chartier; pensador da nova história cultural, que propõe um conceito de cultura como prática, e sugere para seu estudo as categorias de representação e apropriação.¹² Representação sendo assim entendida como algo que permite ver uma coisa ausente e que, segundo Chartier, seria mais abrangente que o conceito de mentalidades,¹³ uma vez que o ausente em si, não pode mais ser visitado. Representar é, pois, “fundamentalmente estar no lugar de, é representificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência”.

Tendo em vista esta dinâmica de representação e apropriação, as personagens Rita Baiana, Bertoleza e Lenita, surgem como documentos de uma época, representações que relatam ou deixam transparecer os sentimentos mais íntimos que, em um determinado momento, se fizeram presentes na realidade e na imaginação dos agentes históricos responsáveis pela sua criação.

Desta forma, correspondem ao fator de apropriação, porque é, através destas personagens que encontraremos subsídios para uma análise histórica e social, uma análise do universo feminino brasileiro de fins do século XIX, que já não pode ser visitado, mas que é apresentado novamente através das personagens de Azevedo e Ribeiro.

Assim a proposta da nova história cultural seria a de codificar a realidade do já vivido por meio de suas representações, desejando chegar àquelas formas pelas quais a humanidade expressou-se a si mesma e o mundo.

Para Chartier, o historiador interpreta os artefatos, objetos históricos da análise, num campo onde se cruzam duas linhas: uma vertical ou diacrônica, pela qual o historiador estabelece a relação de um texto ou de um sistema de pensamento com manifestações anteriores no mesmo ramo de atividade cultural; a outra é horizontal ou sincrônica, e através dela determina a relação do objeto cultural com o que vai surgindo noutros aspectos de uma cultura.

Ainda em Chartier percebe-se uma posição muito clara e comunga, de fato, com a maneira de fazer história apresentada pela Escola dos Annales; [...] desembaraçando-se das etiquetas que pretendendo identificar os pensamentos antigos, os marcaram na realidade, a tarefa dos historiadores do movimento intelectual (como Febvre) é acima de tudo reencontrar a originalidade irreduzível a qualquer definição à priori de cada sistema de pensamento na sua complexidade e nas suas mudanças.

A dicotomia esquemática proposta pelos historiadores românticos, não tem lugar dentro deste novo conceito de fazer história, assim como qualquer outro exemplo de oposição rígida torna-se inadequado, em face desta concepção dos historiadores dos Annales; concepção esta que coloca o historiador diante dos artefatos históricos. Assumir esta postura, segundo Rusen, implica admitir que não ha um único processo compreensivo da história, além de admitir critérios como o da ficcionalidade e do relativismo para a recuperação do passado.

A alternativa proposta se encaminha, por assim dizer, no sentido, tanto de reconstruir uma nova totalidade quanto de encontrar novas vias teórico-metodológicas para realizar a análise histórica.

Nessa perspectiva o texto literário, mais precisamente os romances aqui abordados, na confluência história e literatura, possibilitam uma maior flexibilidade para se pensar a história e os vários elementos que compõem sua (re) construção, pois acreditamos que não exista uma única visão dos objetos em análise, mas perspectivas que podem apontar diferentes formas de representação.

Desse modo, somos instigados a procurar elementos significativos para sua construção. Neste sentido, torna-se importante destacar o fato de que a produção literária esta associada há seu tempo, refletindo em suas narrativas idéias e perspectivas de agentes sociais contemporâneos a sua criação e mesclando elementos de ficção e das possíveis realidades existentes no momento da criação literária. Dessa forma, a obra de ficção “lida com ações sonhadas com sentimentos compartilhados, com intermediação entre o real e as aspirações coletivas”.

A obra literária constitui-se assim, parte do mundo, das criações humanas e transforma-se em relato de um determinado contexto histórico-social. Por isso, para Sevcenko, o estudo da literatura traz consigo nova possibilidade de análise do passado,

por meio da fala dos não ajustados socialmente, a narrativa literária cria a possibilidade do “vir a acontecer”, dos sonhos que revelam outro cotidiano que não apenas o dos vencedores faz alusão a sujeitos que reelaboram sua prática social e os transforma em realizadores de sua própria história, permitindo finalmente o conhecimento de uma realidade que não apenas a sacralizada pela história dos vencedores.

A literatura seja em romances, contos ou crônicas, atua no campo do imaginário social cuja manifestação se dá por meio de imagens e discursos, resultado do permanente campo de tensão entre os grupos, e neste embate os sujeitos conferem sentido e explicação ao mundo.

Chartier afirma que as representações não são menos reais que as ações concretas, mas é a própria realidade, pois a ação não existe antes de ser pensada, imaginada na realidade dos sujeitos que as concebem e a amesclamam. A literatura pertence ao campo das representações e cabe ao historiador “reinterpretar” o encontro entre os mundos dos textos e dos leitores, e como os leitores incorporam e se apropriam de diferentes formas dos textos em momentos históricos distintos.

Os leitores, com efeito, não se confrontam com textos abstratos, separados da materialidade: manejam objetos cujas organizações comandam a leitura, sua apreensão e compreensão partindo do texto lido. Para além desta questão é importante lembrar que a produção literária não é construída com vistas a um fim pré-determinado pelo autor, cuja escrita supõe esquemas antecipados de interpretação pelo leitor.

No entanto é perceptível na relação leitor e texto de acordo com De Decca, um fato estético: Em que o leitor existe além do texto, mas ao mesmo tempo traduz o próprio texto em sua existência cotidiana e em suas ações. Isto é, o leitor transfere o fato estético para o universo da historicidade, uma vez que ele como sujeito da ação, pode imprimir forças às imagens literárias traduzindo-as no sentido de sua própria vida.

Sendo assim, a obra literária amplia as possibilidades de uma abordagem histórica. Ao historiador não cabe ter como preocupação central a análise crítica direcionada a sua forma de construção literária, mas a lógica singular da narrativa literária, que se encontra fundada no momento de produção.

Com isso o que mais importa para o historiador no texto literário: ...Não é (o seu) caráter manifestamente ficcional ou não determinado como testemunho histórico, mas a

necessidade de destrinchar sempre a especificidade de cada testemunho. Assim, por exemplo, cabe ao historiador descobrir com igual afincamento tanto as condições de produção de uma página de um livro de atas, ou de um depoimento criminal, quanto as de um conto, de uma crônica e de uma peça literária.

Cabe o mesmo interrogatório sobre as intenções do sujeito, sobre como este apresenta para si mesmo a relação entre aquilo que diz do real, cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo, investigar as interpretações do autor, enfim é preciso buscar a lógica social do texto.

Desta forma, é possível perceber que as narrativas literárias têm como característica a semelhança e as possibilidades de acontecimento do momento de sua produção. Assim, cria-se a possibilidade de pensar a literatura não como cópia da realidade, mas como possibilidade de acontecimento, as quais estão intimamente ligadas com os sentimentos e a imaginação de quem faz parte do momento de sua confecção, portanto, a criação literária não é cópia do momento de sua realização, mas tudo que é escrito torna-se, em certa medida, verossímil, ou seja, passível de acontecimento.

Dessa maneira, a literatura torna-se um importante campo de reconstrução da história. Com a produção literária o campo de pesquisa e de conhecimento histórico é alargado. Assim, em nossa análise, lançamos um olhar atento para o mundo e o cotidiano de Rita Baiana, Bertoleza e Lenita.

Personagens que trazem a tona o universo feminino do século XIX e que, antes de tudo, foram construídas e elaboradas de acordo com as perspectivas de Aluísio de Azevedo e de Júlio Ribeiro, e que daqui para diante, nos propomos a investigar. No 1º capítulo, serão abordados os aspectos que definem e estruturam as habitações coletivas da cidade do Rio de Janeiro em meados do século XIX, assim como o cotidiano de trabalho de suas moradoras.

Para fins de reflexão, atentaremos para os diálogos e as ações das personagens Rita Baiana e Bertoleza, no desenrolar do romance *O Cortiço*. No 2º capítulo, nossa atenção se volta para a personagem Lenita do romance *A Carne*, mais precisamente para suas práticas de leitura, a fim de compreender os valores pertinentes a educação feminina da época. Lembrando que o cenário de nossa análise passa a ser a cidade de São Paulo na segunda metade do século XIX.

O rumor crescia, condensava-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já não se destacavam-se vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava gritava-se.

Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra. Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas fazendo compras.

Aluísio de Azevedo. O Cortiço. O romance O Cortiço representa uma conquista para a literatura brasileira, pois de forma inédita e magistral, Aluísio de Azevedo deu vida e corpo a um agrupamento humano. Inúmeros tipos sociais, quase todos representantes de uma população marginal, desfilam nas páginas do romance.

O ambiente degradado e corrupto onde vivem é o cortiço, cujo dono é o português João Romão; também proprietário da pedreira onde trabalham, e da venda onde se endividam ao comprar fiado.

Este panorama da vida e do funcionamento do cortiço, elaborado por Azevedo, na verdade até mesmo o próprio cortiço, é representativo de uma série de transformações importantes, que acometiam a cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Transformações estas, que refletiam significativamente no setor habitacional, afetando diretamente as populações de baixa renda: ...Não obstante as casinhas do cortiço, á proporção que se atamancavam, enchiam - se logo sem mesmo dar tempo a que as tinas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho.

Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação. O Miranda rebentava de raiva. O que aliais não impediu que as casinhas continuassem a surgir uma após a outra, e fossem logo se enchendo, a estenderem-se unidas por ali a fora, desde a venda até quase o morro, e depois dobrassem para o lado do Miranda e avançassem sobre o quintal deste, que parecia ameaçado por aquela serpente de pedra e cal (p.28).

Em parte a mudança urbana, adveio do declínio da produção cafeeira na província do Rio de Janeiro e da abolição da escravatura, as quais deram lugar ao afluxo migratório em grande escala para a cidade do Rio de Janeiro, de mão-de-obra

proveniente de áreas em decadência; o que coincidiu com o significativo contingente de estrangeiros que entravam pelo porto do Rio de Janeiro.

Em decorrência deste processo, tem-se um acentuado crescimento populacional, passando a população da cidade de 235.831 habitantes, em 1879, para 522.651 habitantes em 1890, alcançando 811.443 habitantes em 1906. Este crescimento da população determinou um aumento da demanda por habitação, dentro do espaço urbano que se transformava.

A forte pressão em torno da demanda e a baixa disponibilidade por parte da oferta de moradias, dariam lugar a um desequilíbrio do setor habitacional, afetando de forma considerável as classes mais pobres. A grande maioria dessa população, [...] buscava as freguesias centrais da cidade, devido à proximidade do porto e das importantes casas comerciais; o que provocava um adensamento populacional. Ali também se estabeleciam as atividades artesanais, manufatureiras, o comércio e mais tarde, a maioria das indústrias.

Nestas áreas centrais, essas populações de baixa renda ocupavam habitações coletivas, moradias que, na maioria das vezes, se compunham de dois pavimentos, construídas em torno de um pequeno pátio, onde as inquilinas geralmente trabalhavam como lavadeiras. [...] Assim casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado.

O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão a parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar. Graças a abundância de água que lá havia, como nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; advinham lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe!

E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de pretendentes a disputá-los. E aquilo foi se constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta encharcada e fumegante (p.29). As condições sanitárias nos cortiços eram comparativamente inferiores às habitações coletivas mais novas e também mais raras, como as casas de pensão e estalagens, onde as unidades familiares tinham instalações sanitárias e cozinha individual.

Esta sucessão de acontecimentos é relatada por Sevcenko da seguinte forma: [...] como é fácil perceber, a oferta abundante de mão de obra excedia largamente a demanda do mercado, aviltando os salários e operando com uma elevada taxa de desemprego crônico.

Carência de moradias, alojamentos e falta de condições sanitárias, moléstias (alto índice de mortalidade), carestia, fome, baixos salários, desemprego, miséria; eis os frutos mais acres desse crescimento fabuloso e que cabia a parte maior e mais humilde da população provar.

Luiz Edmundo em sua obra “O Rio de Janeiro do Meu Tempo”, reforça a questão da insalubridade e da precária forma de vida dentro do cortiço ao descrevê-lo como: Sujo, miserável, com a tosca linha de casinhas sem luz, sem ar, sem conforto, lembrando minúsculos oratórios com seu agressivo cheiro de sabão e sua murrinha estonteante de suor.

Deste modo centenas de infelizes apodrece as pilhas, aos montões numa promiscuidade criminosa. E segue apontando sua população como: gente de várias raças e de todas as cores: pretas crioulas de saias rodadas e cachimbos de barro, pendurados de enormes bocas, portuguesas sobrancehudas e vermelhas de braços grossos e de peitaria forte, mulatinhas Flébeis, de ar andrógino e ademanes sentimentais, italianos, espanhóis, alemães, sírios, chins.

É interessante notar que, os autores citados, se ocupam apenas em tratar da questão da desordem e insalubridade do cortiço; deixando de salientar assim a questão do caráter comunitário que a vida no cortiço proporcionava.

Neste espaço social, além da presença obrigatória da taverna ou do armazém, que oferecia crédito aos moradores como uma forma de obrigá-los a alí permanecer, impedindo-os de se mudar, e o narrador onisciente diz, [...] Já não era uma simples taverna, era um bazar em que se encontrava de tudo, objetos de armarinho, ferragens, porcelanas, utensílios de escritório, roupa de riscado para os trabalhadores, fazenda para roupa de mulher, chapéus de palha próprios para o serviço ao sol, perfumarias baratas, pentes de chifre, lenços com versos de amor, anéis e brincos de metal ordinário.

E toda gentalha daquelas redondezas ia cair lá, ou então ali ao lado na casa de pasto, onde os operários das fábricas e os trabalhadores da pedreira se reuniam depois

do serviço e ficavam bebendo e conversando até as dez horas da noite, entre o excesso do fumo dos cachimbos, do peixe frito em azeite e dos lampiões de querosene.

Pois era João Romão quem lhes fornecia tudo, tudo até dinheiro adiantado, quando algum precisava. Por ali não se encontrava jornaleiro cujo ordenado não fosse parar nas mãos do velhaco. E sobre este cobre, quase sempre emprestado aos tostões, cobrava juros de oito por cento ao mês, um pouco mais do que levava os que garantiam a dívida com penhores de ouro e prata

Assim, existiam outros serviços que reforçavam a autoconfiança do pobre, e capacitavam os maiores cortiços a se tornarem entidades auto-suficientes. [...] Na parte de trás, podia ser encontrada uma área de oficinas de alfaiates, sapateiros, marceneiros, carpinteiros, latoeiros, bem como um restaurante.

Os moradores habilidosos tinham assim, alojamentos baratos para exercerem seu ofício, talvez evitando as obrigatórias licenças urbanas, enquanto que os outros moradores podiam recorrer a alguém conhecido para os necessários serviços.

Essa realidade comum das habitações populares do Rio de Janeiro, bem como sua organização interna, principalmente o fator de convivência mútua e solidariedade, estão representados na obra de Azevedo, mais precisamente na gama de “tipos populares”, que se misturam e demonstram a cada momento, o quanto estão envolvidos pelo espaço do cortiço. São muitos os personagens que compõem a trama, e que agem sob a pecha da vadiagem, da loucura, da cobiça, da ambição e principalmente da sensualidade.

3.1 Fase romântica de Alúcio

No romantismo “a imagem da mulher triparte-se na mulher-pureza que enobrece com o seu amor sincero; na mulher-sedução que se torna corruptora; e naquela que, envelhecida pode ser redimida pelo amor”. (CANDIDO, CASTELLO, 1997.p.159). Sendo uma mulher idealizada, representando a perfeição do belo, era vista como ser intocável.

Em contraste ao naturalismo que apresenta a mulher sobre uma ótica realista, por exemplo, a mulher do campo, dona de casa, lavadeira, solteira, casada como é retratada no romance o cortiço. A obra tem sua narrativa em terceira pessoa, com um

narrador que tem conhecimento sobre tudo que se passa na narrativa, como defende o naturalista.

Assim, busca às situações mais próximas da realidade, pois “se a ótica naturalista capta de preferência a mediocridade da rotina, sestros e mesmos as taras do indivíduo, ela não será por isso menos verossímil que a opção contrária dos românticos” (BOSI, 2006, p. 189)

3.2 Fase de transição naturalismo realismo

A sociedade do século XIX passou por várias mudanças, principalmente com advento da Revolução Industrial que acarretou consequências graves no que concerne o crescimento exacerbado das grandes cidades, o desemprego desenfreado e todas essas transformações primaram por uma sociedade nada igualitária e democrática.

Sobre o naturalismo, este, tomou forma no Brasil ainda no século XIX. Os escritores brasileiros passaram a escrever sobre a realidade social brasileira, relatando a vida nos cortiços, o preconceito e a exclusão social, entre outros temas. Teve como principal representante Aluísio de Azevedo.

Portanto, não seria diferente no campo literário, com a publicação da obra *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, o qual inaugura o Realismo na Europa, como isso paulatinamente o estilo romântico vai saindo de cena, deixando a razão sobrepor-se a subjetividade, tendo como um estilo mais próximo da verdade com um rigor de detalhes que impressionam e que tratam da realidade da sociedade, com uma reflexão do novo papel social da mulher de disseminadora das práticas burguesas no âmbito familiar em torno da civilidade da educação.

No entanto, em 1881 o Realismo-Naturalismo brasileiro teve seu início e utilizava não somente de uma linguagem contrária à do Romantismo, como também abordava outros assuntos mais chocantes para a sociedade que estava em transição. Aquele período foi tão significativo para a época que conseguiu introduzir outra escola literária capaz de exagerar ainda mais no tratamento da linguagem objetiva e universal, conhecida por Naturalismo, o qual pode ser denominado por alguns autores com um realismo exacerbado.

Para Coutinho (2004) o (...) Naturalismo, é um realismo a que se acrescenta certos elementos que o distinguem e tornam inconfundíveis a sua fisionomia em relação a ele. Não é apenas um exagero ou uma simples forma reforçada do realismo, pois que o termo inclui escritores que não se confundem como os realistas. (COUTINHO, 2004, p.11). Neste sentido, observa-se que a obra analisada “O cortiço”, retrata fielmente, as peculiaridades naturalistas da época de forma minuciosa, para que os leitores possam compreender os acontecimentos narrados como verossímeis.

E assim, enfatizar que essa aproximação da verdade nada mais é do que o esclarecimento de alguns termos como: determinismo; positivismo; darwinismo e zoomorfismo que são preponderantes para o estudo referente ao naturalismo brasileiro. Segundo Candido (1997) as instituições da sociedade, principalmente as jurídicas, deixaram de ser consideradas como manifestações da providencia, ou da razão humana, para serem interpretadas como produtos, como consequência necessária de certos fatores condicionantes, dos quais se destacam o meio físico e a raça.

O romantismo foi combatido, entre outras coisas, no que tinha de compromisso com as filosofias de cunho espiritualista, e no que tinha de idealização da realidade. E os partidários das novas ideias não foram levados a investigar os caracteres originais da nossa sociedade, a luz do determinismo da raça e do ambiente, ao mesmo tempo em que divulgavam e implicavam à política, ao direito, à literatura e os princípios das novas filosofias europeias, com o positivismo e evolucionismo, principais encarnações do materialismo de origem científica. (CANDIDO, 1997, p. 283).

Pois o determinismo do filosofo Hyppolite Taine, salienta que o ser humano passa a ser analisado e explicado a partir de algumas categorias essenciais, como o momento histórico, o meio social e a raça, ou seja, que estes fatores são condicionantes no modo de agir da sociedade. Já o positivismo é uma corrente filosófica que surgiu na França no começo do século XIX, tendo como principal idealizador Augusto Comte.

Este movimento filosófico é de um conceito que possui distintos significados, englobando tanto perspectivas filosóficas e científicas do século XX. Bosi (2009) enfatiza que o determinismo se reflete na perspectiva em que se movem os narradores ao trabalhar as suas personagens.

Então a pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o auto carrega sempre de tons sombrios o destino das suas criaturas. Atente-se, nos romances desse período, para a galeria de seres distorcidos ou achapados pelo Fatum: o mulato Raimundo, a negra Bertoleza, Pombinha, o “Coruja”, de Aluísio de Azevedo. (BOSI, 2009.p.141)

Estes movimentos ganham corpo na literatura naturalista, pois desde o seu início, com Augusto Comte (1798-1857) na primeira metade do século XIX, até o presente século XXI, o sentido da palavra mudou radicalmente, incorporando diferentes sentidos, muitos deles opostos ou contraditórios entre si.

Pois partia do princípio de que o único conhecimento válido é oriundo das ciências, isto é, o conhecimento positivista. O positivismo pregava que a ciência deveria ser vista como o centro de todas as coisas. Para Silva Augusto Conte fala a respeito das transformações exercidas na sociedade através de designios necessários para reformá-la, elevando-a a uma etapa positiva.

Deve-se fazer experiência, comparação e observação. Para diminuir os problemas da sociedade da época, deveria também ser realizada uma reorganização de crenças e costumes. Assim sendo, a estrutura familiar, os valores sociais e a educação seriam fundamentais para o êxodo dessa teoria. (SILVA, 2010.p.14)

Outra corrente é o Darwinismo que tratava da seleção natural das espécies, pois através destas teorias os autores tiravam inspirações para produzirem suas obras. A presença das características da teoria Darwinista na obra de Aluísio de Azevedo é latente, pois “o escritor naturalista julga “interessante” o patológico, porque prova a dependência do homem em relação à fatalidade das leis naturais” (BOSI, 1994, p. 190).

Já zoomorfização é uma concepção naturalista de Aluísio de Azevedo que utilizava desse conceito para fazer comparações das personagens na narrativa “O cortiço”, o autor os chama de “pobres”, “gentalhas”. Podemos constatar tal afirmação a seguir quando o autor Bosi (1994) enfatiza que Já nos pobres, na “gentalha”, como os chama, o trabalho é o exercício de uma atividade cega, instintiva, não sendo raras as comparações com vermes ou com insetos, sempre que importa fixar o vaivém dos operários na pedreira ou das mulheres no cortiço. (BOSI, 1994. p.211)

Aluísio utiliza a figura de linguagem do Zoomorfismo, pois seria a comparação da figura do homem a de um animal, ligado ao seu comportamento humano. A Zoomorfização é uma concepção do Naturalismo, onde o homem é retratado como um ser irracional, essa ideia era da época, muito influenciada pelo Darwinismo de que o homem não passa de um ser instintivo, onde é condicionado pelo meio em que vive.

Como podemos evidenciar na obra do autor quando descreve que naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa começou a minhoca e esfervilhar, a crescer o mundo uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco (AZEVEDO, 2012.p. 12).

Diante de tais constatações históricas podemos perceber que se verificou nessa época um grande avanço científico e filosófico, uma verdadeira onda de cientificismo e materialismo. Todo o pensamento do oitocentista influenciou a literatura Realista-Naturalista.

A partir destes pressupostos, analisaremos a obra em questão e perceberemos estas tendências na visão aluísiana e como os personagens da obra “O cortiço”, mais precisamente o feminino, que é nosso foco de pesquisa foram influenciados pelas novas tendências do século XIX.

Aluísio Azevedo consegue retratar em suas obras, um cenário muito parecido com o período em que vivia. É possível perceber isso por meio das características textuais de suas publicações e dos jornais que faziam uso dos mesmos e ainda através também dos aspectos relatados de seus personagens e do cenário social como um todo.

Aluísio retratava por vezes pessoas reais da sociedade maranhense em suas obras bem como o caráter abolicionista também, também vivenciado na época, o que é uma presença constante em suas obras.

Com as significativas mudanças do século XIX, causaram influências em Aluísio Azevedo e suas obras. E ele por sua vez também foi agente de transformador de ideias no que se refere ao jornalismo maranhense, onde ele deu contribuição significativa.

Embora fosse mais conhecido por sua produção literária, iniciando sua vivência no meio jornalístico, Azevedo começou a desenvolver habilidades como caricaturista em

jornais cariocas e registram algumas fontes que ele, posteriormente, passou a compor a personalidade de seus personagens por meio das caricaturas.

4 ROSALINA COMO VERSÃO FEMININA NA LITERATURA DE AZEVEDO

De acordo com Aluísio o cortiço está repleto de personagens que retratam a realidade da figura feminina no século XIX. O autor procura destacar o modo de vida das personagens femininas como: as solteiras as adúlteras, as lavadeiras, mulheres independentes e a mulher subordinada. De modo que Aluísio mostra através da sua obra a visão da própria realidade vivenciada na época, por esse motivo é que se entendem as razões pelas quais apresentam um caráter forte: Bertoleza, dona Estela, Leónie, Leocádia, Rita Baiana, Piedade de Jesus, Leandra, Ana das dores, Neném e Augusta carne-mole.

A personagem Rita Baiana evoca sensualidade e é envolvente, morava com Firmo e gostava de ser autônoma. As mulheres solteiras pensavam de maneira própria e tinham um linguajar diferente das mulheres das outras classes sociais. Por isso sofriam preconceitos na época e eram vistas como mulheres entregues à vida, e servem como um mau exemplo para as filhas de família.

Assim, podemos evidenciar no trecho da obra aluisidiana. “Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha do meu pai! Casar? Livra! Para quê! Para arranja cativoiro? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que agente é escrava!” (AZEVEDO, 2012.p.34). E Leónie representava na verdade uma prostituta, madrinha de Pombinha que acaba a levando para o mundo da prostituição, ela instigava as mulheres mais ingênuas, que tinham a convicção de que se não pudessem ser santas, o que lhes restavam eram ser prostitutas.

Naquela época o mercado trabalhista não oportunizava de maneira significativa as mulheres de classes sociais menos favorecidas. Como podemos perceber no trecho da obra a seguir. Leónie, com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumor quando lá ia e ponha expressões de assombro em todas as caras.

O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, curto, petulante, mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura: as suas luvas de vinte botões que lhe chegavam até aos sovacos; a sua sombrinha

vermelha, sumida numa nuvem de rendas cor-de-rosa e com um grande cabo arabescos extravagantes; (Azevedo, 2012.p.60).

Na verdade, o que era importante era a beleza e a juventude, e para muitas dessas mulheres a opção era seguir o mundo da prostituição. Vale salientar que muitas dessas mulheres fálicas eram conjugues ou amasiadas, de maneira que suas atividades eram tidas como mal vistas pela moral não só da burguesia como também dos maridos.

Como percebemos no trecho da obra a seguir,

(...) “A serpente vencia afinal: Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída meter-se lhe na boca. A pobre mãe chorou a filha como morta. (...) O cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria. (AZEVEDO, 2012.p.134 - 135).

De acordo com o pensamento de Olavo Bilac (Mérián, 1988, p.197), o romance *Uma lágrima de mulher*, de romantismo exacerbado, totalmente contrário às teorias naturalistas que Aluísio defendia publicamente no mesmo período - “A arte abraçou-se finalmente à ciência. Hoje ela tem um fim mais nobre e um interesse mais real: fez-se um órgão, propõem-se teses, critica, delibera; e julga-se com todo o direito, um instrumento de progresso” (Mérián, 198, p.195), foi escrito não em 1879, mas em 1874, quando Aluísio tinha 17 anos, portanto antes da primeira viagem do autor ao Rio de Janeiro.

No *O Cortiço*, a personagem de Estela traía seu marido Miranda, e por mais que ele soubesse do adultério da esposa ele preferia manter sua postura perante a sociedade perdoando a esposa. Conforme segue paragrafo da obra. D. Estela era uma mulherzinha levada da breca: achava-se casada havia treze anos e, durante esse tempo, dera ao marido toda sorte de desgosto.

Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimonio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério. (AZEVEDO, 2012.p 07). Outra personagem era Leocádia, companheira de Bruno, o ferreiro, traía seu marido com Henrique. Ela abandona seu esposo e este fica sem rumo, pois era humilhante para o homem perder sua mulher para outro homem.

Assim, ele perdoa sua esposa e a procura para reconciliar-se com ela. A obra apresenta ainda outra traição, a do pedreiro Jerônimo que se vê totalmente seduzido pela mulata Rita Baiana e enfrenta tudo para tê-la em seus braços. Jerônimo é desleal com sua esposa que tem total submissão a ele. Piedade sofre muito quando Jerônimo a abandona por causa de Rita Baiana.

Piedade sentia-se ameaçada pela presença imposta de Rita Baiana em sua vida e principalmente na vida de Jerônimo, seu esposo, como demonstra esta passagem da obra de Azevedo. A portuguesa não dizia nada, sorria contrafeita, no íntimo, ressentida contra aquela invasão de uma estranha nos cuidados pelo seu homem. Não era a inteligência nem a razão o que lhe apontava o perigo, mas o instinto, o faro sutil e desconfiado de toda a fêmea pelas outras, quando sente o seu ninho exposto. (AZEVEDO, 2012, p.47)

Podemos observar através do trecho acima o sofrimento que a personagem Piedade vivenciava. O autor mostrar traços marcantes do movimento e do período como a investigação da criação da sociedade. E também a Pombinha, afilhada da prostituta Leónie, que tem o compromisso de cuidar da iniciação sexual da menina.

Pombinha é comprometida com João da Costa, com o casamento a menina poderia sair daquela situação de pobreza que a moradia apresentava, porém a sua mãe contrariava o casamento porque para ela a filha só podia casar-se após tornar-se mulher (ou seja, após a sua primeira menstruação).

No entanto Pombinha fica desiludida com o que acontece ao redor do cortiço cai na vida, vira lésbica e se une a sua madrinha. Em outras palavras uma pequena prova do determinismo de Hyppolite Taine, onde evidencia que o ser humano passa a ser analisado e explicado a partir de algumas categorias essenciais, como o momento histórico, o meio social e a raça.

Havia no cortiço mulheres que exerciam atividades consideradas tradicionalmente femininas, como as lavadeiras que eram independentes. Na obra encontramos: Ana das Dores “a das dores” residia sozinha em um casebre separado do cortiço, porém sua família morava toda na moradia.

E tinha Neném que era alta, magra e forte e mais Augusta Carne-Mole que era branca, brasileira e esposa de Alexandre, um soldado da polícia mulato e quarentão. E

também Leandra que era “machona” e tinha duas filhas uma casada e a outra desquitada, tinha um temperamento forte.

E as lavadeiras não se calavam sempre a esfregar e a bater, e a torcer camisas e ceroulas, esfogueadas já pelo exercício. Ao passo que, em torno da sua tagarelice, o cortiço se embandeirava todo de roupa molhada, donde o sol tirava cintilações de prata. (AZEVEDO, 2012. p23) As mulheres acima citadas tinham um trabalho honesto que era lavar roupas, é evidente que a maioria delas sustentava o lar, mas na maioria das vezes dividiam-se entre os afazeres domésticos e os trabalhos remunerados.

Vale ressaltar, a diferença da mulher naturalista, diante da idealização romântica perante a figura feminina. A obra destaca a personagem Bertoleza que estava amasiada com a personagem principal de João Romão que se aproxima dela por puro interesse. Ela tinha uma das barracas mais bem frequentadas do bairro. Dessa forma, João aproveitava-se do dinheiro que ela ganhava para sobreviverem, esta estava totalmente submissa a João Romão.

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança do espírito da mulher, que esta, afinal, nada mais resolvia só por si e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio nem mais se dava ao trabalho de procurá-la ia logo direto a João Romão. (AZEVEDO, 2012. P.05).

Além disso, João sentia-se envergonhado da presença de Bertoleza por ela ser negra. Seu objetivo era enriquecer a custa dela e depois a entregar a seu dono, pois ela ainda vivia em estado de escravidão. João tinha por Bertoleza um sentimento de antipatia, a sua vontade era casar-se com uma mulher branca. Assim, ele denúncia Bertoleza para a polícia trairdo aquela que sempre dedicou sua vida por ele.

Uma das características também marcantes das mulheres encontradas na obra “O cortiço”, é o valor familiar (ser mãe), na qual a personagem dona Isabel cuida pacientemente de sua filha, preparando-a para ter um bom casamento instigando-a a manter-se aparentemente bela, de maneira que era considerada a flor do cortiço, a fim de proporcionar-lhe um futuro melhor. Isabel sacrificou tudo para educar sua filha Pombinha que era muito doentinha dando-lhe mestre até de francês (...). A filha era a flor do cortiço.

Chamavam-lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermiça e nervosa a último ponto; loira, muito pálida, com os modos de menina de boa família (AZEVEDO, 2012.p.20 a 21). Outra personagem era dona Leandra, mesmo sendo viúva cuidava de seus filhos como mãe e pai, exercendo a tarefa de lavadeira para sustentar sua família. “Leandra tinha três filhos; Ana das Dores, Neném e Agustinho, sua filha Das dores morava em uma casa afastada, mas que ainda fazia parte do cortiço” (AZEVEDO, 2012.p.20).

Percebe-se que as mulheres ainda sofrem algum tipo de preconceito no século atual, assim como demonstra a obra, que representa diferentes personagens que remetem valores como da família, de padrões, de classes e de organização da sociedade.

Com uma linguagem de fácil compreensão, Aluísio mostra atos, caráter, entusiasmo das personagens para a construção da vila o Cortiço. É relatada a realidade das personagens com uma descrição detalhada do ambiente. A narrativa enfatiza principalmente, a questão da liberdade de expressão das personagens, inclusive suas condições morais e psicológicas.

Na obra, as mulheres representam uma imitação do mundo real, pois aborda temas reais de forma objetiva, sem que haja participação subjetiva do autor. A obra destaca com intensidade as características das ações das personagens. O autor narra fielmente os fatos, sem dar importância quanto a opinião dos atos, mas dando ênfase aos atos em si, utilizando apenas o método da observação para assim documentar.

As atitudes das mulheres mostradas na narrativa são apresentadas e explicitadas de forma lógica e científica de maneira que tais comportamentos são aceitáveis de acordo com a realidade vivenciada.

4.1 breve sinopse sobre o romance

Assim que inicia a narrativa, o autor situa suas personagens com o intuito de melhor esclarecer o início da obra aos leitores. Situando as personagens principais da narrativa, Miguel, Rosalina, Maffei e Ângela em uma aldeia de pescadores nas ilhas Lipari (Itália). Após algum tempo com o desfecho na bela Nápoles, Itália, além de mostrar as mudanças de caráter em Rosalina, antes ingênua e meiga, e em Maffei, de austero a

ambicioso e amoral, põe a nu a hipocrisia daquele meio social, que define como uma sociedade flutuante, onde burgueses ricos e nobres falidos estabelecem relações promíscuas.

O pai de Rosalina Maffei, pescador austero e homem ambicioso, cria uma inimizade absurda e desmedida pelo jovem Miguel. Seu ódio por Miguel era puro e simplesmente causado pelo fato de que o pescador não compreendia o amor da filha e acreditava além mais que esse ingênuo amor poderia atrapalhar o futuro de sua filha futuramente.

Rosalina filha do pescador tinha apenas 15 anos e se viu pressionada pelo orgulho do pai e o amor romântico em seu peito, personagem esta que será analisada posteriormente.

Ângela, cinquenta anos, dedicada ama, criada e amiga, considerada como mãe adotiva de Rosalina era também forte e sadia. Porém sem forças para defender a jovem a quem tanto compreendia e estimava, pois não podia esquecer a hierarquia representativa perante o seu patrão, pai de Rosalina.

Nosso herói romântico Miguel Rizio, 19 anos, tocador de Rabeca, jovem órfão e pobre, era filho de um músico de origem romana, conhecido por sua coragem e ingenuidade ao mesmo tempo, e certo de uma característica única, amava Rosalina.

Quando ainda aos 15 anos de Rosalina Maffei viaja para Nápoles, deixando Rosalina sob os cuidados de Ângela, a fim de tentar fortuna. Miguel se apaixona por Rosalina. Em pouco tempo, a agradável presença desse jovem enamorado se torna costumeira na casa do velho pescador.

Dois anos depois de sua partida, este volta rico e com maior ambição. Com o seu retorno haverá duras mudanças na vida amorosa do jovem casal. Saudosa da presença do amado, que desde a volta do seu pai permanecia ausente, Rosalina comunica ao pai que já namorava.

Diante da revelação, Maffei transtornado proíbe o encontro dela com o músico, anuncia também que a família seguirá para Nápoles onde a filha poderia encontrar um pretendente, lógico que esse pretendente já fazia parte dos planos de Maffei, um pretendente que lhe trouxesse lucros financeiros e status social.

No então último encontro do casal, no encontro de despedida, o casal é surpreendido pela trágica aparição do pescador, que obriga Miguel a segui-lo até a extremidade de um precipício. Após intensa contenda. O infeliz rapaz é jogado ao mar. De imediato o pescador embarca com a família para Nápoles, nesta fase o autor dá início à segunda fase do romance, decorridos alguns anos do episódio do despenhadeiro, Maffei está mais rico.

Sob a influência do novo meio social, Rosalina antes ingênua e meiga, é agora uma moça vaidosa, promíscua e como destaca o autor “dissimulada”. Seu pai, poderoso financeiramente e muito fútil. Rosalina que antes era possuidora de uma beleza inocente se faz senhora de uma elegância de aspectos falsos e Ângela uma figura fanática religiosa, mas sempre cuidadosa e torcedora da felicidade de Rosalina.

Nessa parte do romance é importante destacar que há uma espécie de digressão para explicar como de forma surpreendente, Miguel se salvou ao cair no mar. Esclarecido o salvamento o romance prossegue e apresenta o jovem músico como preceptor de uma família que muito o admira.

Porém diante de tamanha angústia, o artista decide retornar à casinha branca a fim de descobrir o paradeiro de sua amada. Nas redondezas da choupana, ele encontra um antigo pescador da região conhecido como sombra da noite, uma figura de aparência estranha, a quem atribuíam todo tipo de feitiçarias e malefícios. Amigo de Maffei, esse feiticeiro dá algumas informações sobre Rosalina, e Miguel decide partir em busca da amada.

A terceira e última parte do romance narra o reencontro das personagens. Ao chegar em Nápoles, Miguel escreve um bilhete a Rosalina; marca um encontro. Ao rever a amada, o artista reitera suas juras de amor, Rosalina todavia não demonstra nenhum interesse em reviver as juras do amor adolescente. Em um discurso dissimulado, diz a Miguel que também o ama, porém não pode contrariar as ordens do pai. Em uma mudança brusca, disposto a tudo para viver seu grande amor, o músico vinga-se de Maffei.

De forma inesperada o jovem cantor mata o pai de sua amada com as próprias mãos. Rapidamente recuperada da morte do pai, a jovem assume um noivado com o visconde. Miguel pensa ter enfim eliminado o único obstáculo da sua felicidade. Vai ao

encontro de sua amada. A jovem por sua vez, com a única intenção de se livrar do pobre músico, mente dizendo-lhe que ingeriu veneno.

O herói perdidamente apaixonado por uma mulher pérfida e ingrata, tem um fim trágico: toma veneno por acreditar na morte da mulher amada. “A moça então ao se dar conta o jovem morreu por sua causa, chora arrependida derramando “uma única lágrima” pelo amado, a última lágrima, que misteriosamente não se sabe se era uma lágrima de amor ou uma lágrima de arrependimento”.

Rosalina soube o que era verdadeiramente amar e sofrer por amar diante daquele cadáver ao seu lado. Ou como o autor afirma, “pela primeira vez aquele cadáver”.

4.2 Análise psicológica do comportamento da personagem Rosalina

Percebe-se que Rosalina destaca-se inicialmente como uma jovem romântica, simples e ingênua. Chegando futuramente a ser fria, insensível e orgulhosa. Pode-se dizer que a jovem passou a sentir esses sentimentos após inserir-se em um meio social mais rico e austero, pois fora submetida a moldar-se a um novo costume de vida.

Há também de se observar que a jovem era muito submissa às ordens do pai como toda jovem na época. E o desejo do pai era exatamente de que a filha se tornasse mais ambiciosa para esquecer de vez o romance juvenil e passar a interessar por homens da alta sociedade.

É justamente nessa fase de mudanças que pode refletir sobre as nuances do comportamento de Rosalina. A jovem sente-se obrigada a mudar e ao mesmo tempo muda naturalmente o seu comportamento para que possa se adequar e sobreviver em um espaço e tempo diferente para as meninas de sua aldeia.

Precisa-se analisar o contexto do autor, que já apresentava características humanistas tais quais a personagem principal de *Eça de Queirós em Portugal*, Elisa, que abandonava aos poucos as características pitorescas da mulher romântica fiel e o seu amado e passava a se apaixonar por seu primo de segundo grau, o primo Basílio cujo nome homônimo à obra. Na obra, Luísa deixa aos poucos seus medos e inseguranças de mulher romântica induzida por seu amante e passa a segui-lo como maior bem de sua vida. Deixando de lado bons costumes femininos e a fidelidade ao seu esposo.

Percebe-se uma mudança gradativa no comportamento das mulheres, de românticas às libertinas. Porém essa visão nada mais é do que uma visão machista, pois em uma época em que as mulheres tanto anseavam por liberdade, os autores colocavam uma imagem da mulher fazendo ruptura como o romantismo idealizador, de mulheres infiéis, libertinas, frívolas.

De um lado Rosalina perdendo a inocência e deixando o seu amor, e por outro lado Luísa deixando de ser fiel e perdendo a ingenuidade por conta de um homem que a possuía e a induzia a cometer tais delitos amorosos.

Deste modo percebe-se que ambas agem por inocência, induzidas coincidentemente ou não por um homem.

Analisando de modo mais profundo Rosalina, percebe-se que em sua mudança de comportamento há tanto a pressão do pai, que logicamente ela não poderia obedecer, como também a pressão da sociedade machista, interesseira e sem escrúpulos. Deste modo Rosalina passa por um processo não de libertação, mas sim de imitação, submissão, pois passa a viver conforme os moldes da sociedade puritana da época, sem saída, não pode mais voltar a ter os mesmos anseios de antes, nem mesmo pensar em viver o romance ingênuo do passado.

Deste modo Rosalina apresenta traços das mulheres que anseiam por liberdade no humanismo realismo de Aluísio, mas não têm a liberdade como uma escolha pois estavam condicionadas a viver conforme os moldes da época. Em meio as transformações vivenciadas no Brasil do século XIX, em quase todos os setores como a urbanização do espaço e a mudança na constituição da sociedade. Como consequência dessas transformações, surge uma nova de ver a mulher.

O modelo de mulher que se pretendia construir, passiva, dócil e frágil, preenchia os ideais aspirados pela nascente burguesia e seu destino natural e promissor seria se casar e ter filhos, sendo a guardiã do lar e da família.

4.3 Rosalina: da meiguice na infância à frieza na vida adulta

É bastante notável a mudança no comportamento da principal personagem feminina apresentada no transcorrer da trama de Aluísio de Azevedo. Assim, para

compreendermos melhor a personagem Rosalina, vamos rever aqui resumidamente sua participação no desenvolver da obra. O autor a apresenta como originária da ilha de Lipari, onde vive o severo e rigoroso Maffei, pobre pescador e homem de vida simples que além da filha vive em companhia da religiosa Ângela, em uma casinha branca entre os rochedos. Durante a viagem de seu pai à Nápoles, a fim de tentar fortuna, Rosalina se apaixona e inicia um namoro com Miguel, um jovem e pobre músico, que tinha como única companheira uma rabeça.

Tudo ia bem para Rosalina e seu amado, porém 2 (dois) anos depois de sua partida, Maffei retorna rico e mais ambicioso. Acabando assim com a felicidade do jovem casal. Desejando a presença do amado, que desde a volta de Maffei permanecia cessara, Rosalina decide contar ao pai que tem um namorado. Maffei, completamente transtornado, proíbe os encontros da filha com o músico e resolve partir com a família para Nápoles, onde a Rosalina poderia fazer um bom casamento.

Rosalina e Miguel, no entanto resolvem despedir-se, porém o casal é surpreendido pela trágica aparição de Maffei, que obriga Miguel, a segui-lo até a extremidade de um penhasco. Após uma luta violenta, o infeliz rapaz é jogado ao mar. Rosalina, então, parte com a família para Nápoles.

Na segunda parte do romance, passados alguns anos do episódio do despenhadeiro, Maffei está ainda mais rico. Sob a influência de um meio social onde os interesses financeiros sobrepõem-se a qualquer outro valor, Rosalina, antes ingênua e meiga, é agora uma moça vaidosa, promíscua e dissimulada. (...) Rosalina transformava-se de dia para dia. Já não dava mais a pálida idéia da antiga camponesa, formosa e louça, cheia de singela ternura, amante e amada, mulher na idade, criança na inocência. (Azevedo, 2003, p. 67).

A terceira e última parte do romance narra o reencontro entre Rosalina e Miguel. Ao chegar à Nápoles, Miguel escreve um bilhete à Rosalina, marcando um encontro. Ao rever a amada, o artista reitera suas juras de amor. Rosalina, todavia, não demonstra nenhum interesse em continuar o amor vivido na adolescência. Ao que tudo indica, o amor vivido pelo dois no passado, não cabe mais na vida de Rosalina.

Assim, em um discurso dissimulado, Rosalina diz a Miguel que também o ama, não podendo, entretanto, contrariar as ordens do pai. Disposto a tudo para viver seu

grande amor, o músico vingava-se de Maffei matando-o com as próprias mãos, configurando uma das cenas trágicas do romance.

Rapidamente recuperada da morte do pai, a jovem assume noivado com um visconde. Julgando ter eliminado o único obstáculo a sua felicidade, Miguel vai novamente ao encontro da amada. A jovem por sua vez, com a única intenção de livrar-se do pobre músico, mente dizendo-lhe que bebeu veneno. Depois de algum tempo, ela chama por Miguel, que não responde. Miguel, por amor morre em função da falsa morte da amada. A moça, então, chora, arrependida. O herói perdidamente apaixonado por uma mulher pérfida e ingrata, tem um fim trágico, motivado pelo incomensurável amor a ela dedicado. E assim termina o romance:

Então uma lágrima cristalina e santa, desprendendo-se do coração, rolou pura pelas faces da mulher. Chorou pela primeira vez! Aquela lágrima valia o poema inteiro da sua existência! Era o transunto do seu arrependimento! Era o perdão dos seus crimes! Chorou! Chorou uma lágrima de mulher, e por isso que vinha de deus! Rosalina amou pela primeira vez – aquele cadáver. (AZEVEDO, 2003, p.148)

Sobre a obra e a personagem Rosalina é interessante que se diga que os fatos de uma história, apresentadas em um romance não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis. Isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, ou seja, criado pelo autor e exposto de modo que seja atrativo para quem ler, o leitor de uma forma ou de outra deve acreditar no que lê. Assim,

Em sentido genérico e comum, verossimilhança é a qualidade ou o caráter do que é verossímil ou verossimilhante; e verossímil, o que é semelhante à verdade, que tem a aparência de verdadeiro, que não repugna à verdade provável. Como se sabe, o entendimento do que seja verossimilhança é fundamental para o estudo da literatura e das artes em geral desde a poética de Aristóteles, que entendia que “pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade” (ARISTÓTELES, 1984, p. 56).

A credibilidade que o leitor tem para com a obra, tem origem na organização lógica dos fatos dentro do enredo. Cada fato da história tem uma motivação, uma causa,

nunca é aleatório e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos, novas consequências).

Vamos refletir sobre o que leva Rosalina, apresentada inicialmente como uma moça meiga e carinhosa, torna-se depressa leviana com a nova existência na cidade.

Rosalina era encantadora. Como em quase todas as meninas italianas, adivinhavam-se-lhe os elementos de uma mulher bela. Difícil seria vê-la alguém, sem prender o coração naquela graciosa liberdade de movimentos; ouvi-la, sem guardar na memória, como uma relíquia sagrada, o seu falsete de criança. (AZEVEDO, 2003 p. 21).

O comportamento das pessoas é algo muito complexo que envolve variáveis diversas. Sabemos que cada pessoa possui características biológicas, comportamentos, maneira de pensar e de agir peculiares. Isso é o que nos faz diferentes, além de estipular o nosso papel na sociedade em que estamos inseridos. E é importante frisar que muito do que nós somos, independentemente de fatores genéticos, é resultado do contato que temos com o meio em que vivemos e das pessoas com as quais nos relacionamos durante toda a vida.

No entanto, “Uma lágrima de mulher” é um romance recheado de episódios inverossímeis cenas imprevistas. As situações, na sua maioria, e os cenários descritos são teatrais. Há sempre um ambiente de noite tempestuoso cheio de relâmpagos e trovões, revelando certa atração pelo fantástico, pelo nebuloso. Reiterando velhas fórmulas repletas de vinganças, lutas, estados febris, acentuados por expressões exageradas, e por uma pontuação expressiva. Por outro lado apresenta uma mudança de cenários compatíveis com a mudança de caráter de Rosalina. Se num primeiro momento era meiga e ingênua, posteriormente fria e amante do luxo. Observemos:

A ingênua hospitalidade da província, a espontaneidade no obsequiar, a facilidade de amar, o desinteresse no servir, o desejo de agradar, o compadecer dos infelizes, o consolar os desesperados... Nas grandes capitais, onde o dinheiro forma um centro de gravidade, em torno do qual, como formidável mundo planetário, gravitam, sujeitos e dominados pela força centrípeta, a moda, a aristocracia, a elegância, a vaidade, o orgulho, o egoísmo, a ambição, o desamor, a indiferença... Todas as corrupções sociais! A hipocrisia é moeda corrente nos grandes meios... dourado na superfície e podre no fundo. Tudo ofusca! Tudo luz! Porém nada conforta porque nada tem valor sincero e real. (AZEVEDO, 2006, p. 59).

É importante frisar que o ser humano não é passivo ao meio ao qual está inserido. Assim, reagem aos estímulos, aos sentimentos, aos comportamentos, aos pensamentos e as pessoas a todo o momento. Com a personagem Rosalina não podia ser diferente, pois não existe uma conduta ideal, porém, a trajetória humana precisa ser marcada por adaptações e pelo equilíbrio das nossas experiências positivas e negativas. Saiu de um meio simples e pacato e se encantou com sua nova realidade, deste modo,

A fortuna passara a cobrir Rosalina de beijos, porém nessa aluvião de carícias foi de envolta uma arranhadura. Pobre Rosalina! E neste vacilar, entre a felicidade e a dor, entre o bem e o mal, escrevera a Miguel uma carta, contando-lhe, com honesta franqueza, o que se passara, e prometendo-lhe uma entrevista, às ocultas do pai. (AZEVEDO, 2006, p. 62)

Porém,

Todavia, Miguel era um ponto sensível e doloroso no coração da moça ambiciosa. A despeito de tudo, ela ainda o amava, e, no meio dos sonhos de grandeza, tinha para o pobre artista um suspiro de amor e saudade, ainda o via, no fundo brilhante do seu quadro de irradiações e alegrias, sombrio, triste, meio espectro, meio homem, a chorar talvez, com certeza a sofrer. Via-o ela esbelto e delicado, contra a luz das suas esperanças, e sentia projetar-se no disco iriado de seu coração a sombra negra. (AZEVEDO, 2006, p.63)

Ao que tudo indica no Romance “Uma lágrima de mulher”, Rosalina queria uma liberdade, que não era possível tendo a necessidade de obedecer a um homem. Na conquista de um noivo passivo, sem pulso para controlá-la, via em seu pai um obstáculo, para obtenção de sua total liberdade. Por isso tratou de eliminá-lo, usando para isso o amor que Miguel ainda nutria por ela. Conforme mostra o trecho seguinte.

Como um noivo passivo, o nobre Visconde de Genis gastava todos os serões em companhia da rica herdeira, e exteriormente já se tinha como coisa resolvida o casamento dele com Rosalina. Em breve a filha do pescador seria a excelentíssima senhora viscondessa de Genis e o visconde seria o herdeiro legítimo dos bens do falecido Maffei. (AZEVEDO, 2006, p. 77)

(...)

Entanto, quando o visconde se retirava da sala de honra, abria a noiva a porta privada da alcova, para o outro, que, se em verdade não era tão nobremente visconde, tinha, em compensação, um bom

par de bigodes pretos, que valiam por um brasão. Afora estes, roda imensa de adoradores incensava infrutiferamente, noite e dia, a formosa e rica órfã, mas embalde procurava ela, nos cantos empoeirados do seu coração, alguns restos de respeito e amizade séria para aquela gente que, a despeito da sua boa vontade, só lhe aparecia pelo prisma do interesse e da especulação. (AZEVEDO, 2006, p 78)

Rosalina, descrita no final do romance *Uma lágrima de mulher*, em muito se diferencia daquela apresentada inicialmente, dócil, meiga e recatada, com hábitos simples de quem vive uma vida também muito simples. Pois fora exposto a um meio muito diferente daquele em que nasceu e viveu até seus 15 anos. Contudo não queremos aqui afirmar que isto é uma regra. Pois moças simples e ingênuas como Rosalina podem, tanto nas obras ficcionais, serem expostas a um meio nocivo como fora exposto Rosalina e ainda assim preservar seus valores.

Contudo verossimilhança externo utiliza um conhecimento já sedimentado por parte do receptor da obra artística, o que facilita sua leitura e aceitação. A certeza do receptor, ou no caso, do leitor, decorre de indicadores externos, de discurso já arqueologicamente constituído e fixados como sentido comum.

Devemos ter sempre em mente que a tentativa de representar o personagem e o universo em que vive, procurando bem representá-lo, é motivo de inspiração para muitos romancistas, desde os primórdios do romance. Essa tendência é comum em muitas narrativas, retratando, ao longo de sua estruturação formal, as possibilidades de representação do homem e suas relações na sociedade. O romance se consolida como gênero adequado para representações humanas.

De certo modo, a escrita de Aluísio de Azevedo sinaliza para esse caráter ambivalente, na medida em que projeta seus personagens em evidentes transformações sociais. Nesses termos, Rosalina, pode ser facilmente compreendida como modelo personagem que assimilou as características do meio ao qual fora exposta.

4.3 Condição social das mulheres

Sabe-se que as mulheres já conquistaram muitas coisas no dia de hoje, sobretudo em relação ao seu espaço social e profissional. Contudo, é uma conquista

lenta, muito lenta, diante de tantos anos de lutas e de direitos óbvios que deveriam ser respeitados mundialmente.

Na época em que se passa o romance as mulheres eram desprovidas de direitos, sejam eles profissionais, políticos, pois não podiam votar e menos ainda ser votadas, sociais, financeiros de expressão e dentro do matrimônio também não tinham escolha.

Dentro do matrimônio é ainda mais triste, pois as mulheres não podiam nem sequer escolher seus cônjuges, as relações conjugais eram meramente econômicas e por ser econômicas, os pais escolhiam os maridos para as mulheres, sob vários interesses é claro. De cunho econômico, social e político.

Essa escolha feita pelo pai faz com que a mulher seja tratada como um objeto no seio familiar, tanto em sua relação fraternal, como amorosa, pois o marido a via como objeto que próprio escolhera no mercado.

Deste modo as mulheres não poderiam pensar em liberdade, romance, profissão, enfim. Viviam devotamente para o lar. Pouquíssimas mulheres aprendiam a ler.

As poucas mulheres que aprendiam a ler como sutilmente destacado pelo autor eram obrigadas a ler romances que as ensinavam a como se comportar em sociedade como ser uma boa moça, boa esposa. Era um romance dirigido, com alguns leitores masculinos, mas tudo muito direcionado para uma pressão social que as mulheres mal sabiam que sofriam.

Deste modo as mulheres eram alienadas, condicionadas a viver sob moldes pré-estabelecidos por uma sociedade machista e sexista. Ou seja, estavam condicionadas a ser o que realmente os homens gostariam que elas fossem, românticas, caseiras, boas mães e boas esposas.

Aluísio indo um pouco mais além, sob a teoria da psicanálise freudiana, chegava a analisar a questão da histeria em mulheres que eram obrigadas a casar com quem não tinham sentimento e tinham que suprimir o verdadeiro amor e os mais íntimos desejos sexuais.

A questão da histeria é mais perceptível nos romances de Aluísio na fase humanista realista, o qual explora muito mais os detalhes e características femininas em sua obra com mais liberdade.

Entre as personagens de suas obras, Aluísio, ainda em *O Cortiço*, retrata muito fortemente a vida cotidiana das lavadeiras, bem como suas atividades laborais e assim.

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar. (AZEVEDO, 2006, p. 26)

Evidenciava o fato de que as lavadeiras estariam morando e adquirindo sua renda no mesmo lugar, no espaço do cortiço. Deixava claro também que grande parte dessas lavadeiras eram mães solteiras, por tanto trabalhavam perto do lar para cuidarem dos filhos enquanto tiravam o seu sustento de modo era exaustivo, trabalhando da madrugada até entardecer, de segunda a sábado.

Um trecho do romance demonstra como aos domingos estavam de folga:

Amanhecera um domingo alegre no cortiço, um bom dia de abril. Muita luz e pouco calor. As tinas estavam abandonadas; os coradouros despídos. Tabuleiros e tabuleiros de roupa engomada saíam das casinhas, carregados na maior parte pelos filhos das próprias lavadeiras que se mostravam agora quase todas de fato limpo; os casaquinhos brancos avultavam por cima das saias de chita de cor. (AZEVEDO, 2006, p.56)

Aluísio expõe também, através das lavadeiras, como se formava o proletariado urbano feminino nos cortiços cariocas. Essas mulheres, que prestavam serviços à elite carioca, formavam o grosso do proletariado feminino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma a Literatura Maranhense é riquíssima, apresenta uma diversidade significativa e encanta o Brasil inteiro com suas histórias, poesias, cordéis e até em sua musicalidade. E essa riqueza literária e todo o seu acervo dar vida a História de um povo. Os seus enredos descrevem sua sociedade e as belezas da terra.

A escolha da temática aqui defendida deu-se através da importância de Aluísio Azevedo para a Literatura brasileira, assim como a necessidade de falar sobre a figura

da mulher no período romântico. Assim como a literatura de Aluísio de Azevedo, faz se sentir a paixão e as emoções.

Aluísio de Azevedo é conhecido como um dos principais nomes do naturalismo/realismo no Brasil, pouco se fala sobre sua fase como romancista, muito embora haja teorias de que seus primeiros romances tenham sido escritos somente com cunho financeiro, como uma necessidade.

Na obra *Uma lágrima de mulher*, é perceptível construção da personalidade de Rosalina, a personagem principal ao lado de Miguel, como uma personalidade moldada de acordo com os costumes da época, que se vê dividida entre seu grande amor e a sua futura vida social e financeira.

Assim, temos um romance trágico, com características peculiares do estilo que caracteriza bem a época, o casamento com jogo de interesses a subserviência que as mulheres deviam aos pais e cônjuges e uma sociedade que vive de aparências.

É exatamente nesse ambiente que se dá a construção da personalidade de Rosalina, uma mulher como outra qualquer da sua época que sofre muitas pressões externas e precisa manter aparências que agradem a alta sociedade.

Percebe-se que em outros romances como *Filomena Borges*, dama de Vésper, essa personalidade submissa e romântica das mulheres vai se desconstruindo a medida que o autor vai demonstrando seus traços para o naturalismo, visto que o próprio contexto da época pedia livros que refletissem mais sobre a sociedade conservadora e aristocrática.

Neste sentido, escolheu-se esse tema devido à vasta importância do autor maranhense para a literatura nacional, a construção da personalidade feminina feita por um autor com tendências para o realismo.

Concluir-se, por tanto que muita obra de Aluísio de Azevedo, como *O Cortiço*, representa aspectos da sociedade de tal forma que consegue-se perceber a obra como um organismo vivo, colocando-se como sendo o espaço de todo acontecer da história e seus personagens, sobrepondo-se como o que se pode chamar de “evolucionismo social”, devido ao seu crescimento, através de suas histórias e seus personagens.

Dentro do naturalismo, o clássico se apresenta como uma obra extremamente rica em seus preceitos, e em particular, seu espaço difere-se de qualquer outro até então

representado nos movimentos realistas e naturalistas, isso porque seu autor atribuiu ao espaço características, até então, exclusivamente humanas, permitindo com que personagens simples, que representam baixa sociedade da época de forma coletiva, tivessem seu caráter conduzido e mesmo alterado, de acordo com os atributos do meio (espaço) em que vivem, além de descrever com perfeição os ambientes, utilizando-se não somente de características visuais, mas também aferindo ao espaço características pertinentes a todos os outros sentidos humanos.

A partir disto, reforça-se a afirmativa de que Aluísio de Azevedo e suas obras, principalmente “O Cortiço”, tornaram-se símbolos da cultura brasileira. Posicionando-o como ainda aquele exerceu grande influência sob os escritores procedentes a ele, com sua até então singular forma de descrição.

Observa-se, o porquê de Aluísio de Azevedo ser considerado o autor que instituiu o movimento naturalista, em seguimento ao realismo, no Brasil, levando a concluir-se ainda que é possível relacionar algumas das várias características das suas obras que possibilitam descrever o espaço não somente como lugar físico ou cenário, mas sim como um organismo vivo. Além de ressaltar a importância deste trabalho para avaliar as diversas facetas que o autor Aluisio mesmo nos nuance de sua época, nos leva a refletir sobre os dias atuais no que tange o preconceito contra a mulher e o quanto o indivíduo é influenciado pelo meio social.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.
- AZEVEDO, Aluísio. **Uma lágrima de mulher**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- AZEVEDO, Aluísio. **A Condessa Vésper**. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- AZEVEDO, Aluísio. **Girândola de amores**. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- AZEVEDO, Aluísio. **Casa de pensão**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- AZEVEDO, Aluísio. **Filomena Borges**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antônio CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: Das origens ao Realismo, história e antologia**. 8. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1997.
- CARVALHO, Patrícia Alves: “**Um certo Aluísio Azevedo além ou aquém do naturalismo**”. Dissertação Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.bibliologista.com/2013/11/uma-lagrima-de-mulher-de-aluisio-azevedo.html>. Acesso em 07 de maio de 2020.
- CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. **O Foco narrativo**; São Paulo, Ática 1987.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 8. ed. Civilização Brasileira, 1976- 1997
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 1972.
- MONTELLO, J. **Uma lágrima de mulher: primeiro livro de Aluísio Azevedo**. Vitrine, Rio de Janeiro, jun.1943.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura brasileira. Prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. São Paulo: Nova Fronteira, 1973.
- PIETROBOM, Amanda Lopes. **Aluísio Azevedo: naturalismo e fantástico**. Orientador: Norma Wimmer Dissertação (mestrado), 111f. Universidade Estadual Paulista, Instituto

de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94169/pietrobom_al_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso: 19 jan. 2020.

SENA, Marina. **Sombras no romance experimental: o decadentismo de Aluísio de Azevedo**. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/37504566/SOMBRAS_NO_ROMANCE_EXPERIMENTAL_O_DECADENTISMO_DE_ALU%C3%8DSIO_AZEVEDO. Acesso em: 19 jan 2020.

SILVA, Cuti Luiz. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1999.

VERÍSSIMO, José. **HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA**. Ministério da Cultura: Brasília, _____. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=2127&co_midia=2. Acesso em: 20 jan. 2020.

ZILBERMAN, Regina. **Sociedade e Democracia da Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.